

A detail from Peter Paul Rubens' painting 'Allegoria da Paz' (Allegory of Peace). The scene depicts a woman in a Roman-style helmet with a plume, likely Minerva, placing a laurel wreath on the head of a woman in 17th-century attire, likely the personification of Peace. A cherub is visible in the upper center, and another figure is partially visible on the left. The background is filled with lush foliage and a landscape.

Ludovice Ensemble

15 MAIO 2018



GULBENKIAN
MÚSICA

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Sinhoeiros há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Montagem e edição de livros casais

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



Duas Óperas para a Paz

15 MAIO
TERÇA
21:00 — Grande Auditório

Ludovice Ensemble
Fernando Miguel Jalôto Direção
Jean-Denis Monory Encenação / Ator
Luís Fradique Desenho de Luz

Ana Quintans Soprano A PAZ
Eduarda Melo Soprano A MÚSICA
Joana Seara Soprano A POESIA
Iris Oja Meio-Soprano A ARQUITETURA
André Lacerda Tenor *haute-contre* A PINTURA
Fernando Guimarães Tenor UM GUERREIRO
Hugo Oliveira Barítono A DISCÓRDIA
Tiago Mota Baixo UM GUERREIRO

Coro das Artes e dos Guerreiros / Coro das Fúrias (Charpentier)
Coro de Pastores (Lully)

Os Sinfonistas do Séquito d'A Música

Joana Amorim / Marta Gonçalves Flautas
Lília Slavny / Miriam Macaia Martins Violinos
Raquel Massadas / César Nogueira / Manuel Costa Violas *
Sofia Diniz Viola da gamba
Diana Vinagre Violoncelo
Josep Maria Martí Durán Tiorba e Guitarra
Rui Sul Gomes Atabales
Fernando Miguel Jalôto Cravo e Órgão

*Apenas na obra de Jean-Baptiste Lully

Marc-Antoine Charpentier
Les Arts Florissants

Jean-Baptiste Lully
Idylle sur la Paix

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 20 min.

Ana Quintans vestida por José António Tenente

Agradecimentos: Unidade de Segurança e Honras de Estado da GNR e Centro Cultural de Belém.

Este concerto é gravado pela RTP — Antena 2

Marc-Antoine Charpentier (1643-1704)

Sonata a oito instrumentos para duas flautas, dois violinos, viola da gamba, violoncelo, cravo e tiorba, H.548: *Grave* (c. 1685)

Jean Racine (1639-1699)

Terceiro Cântico: Pranto de um cristão sobre as contrariedades experimentadas no interior de si próprio – a partir do Capítulo 7.º da Epístola de São Paulo aos Romanos (1694)

Marc-Antoine Charpentier

Les Arts Florissants, Idylle en Musique, H. 487 (1685)

Abertura para os Sinfonistas do Séquito d'A Música

PRIMEIRA CENA

A Música: *Que mes divins concerts, que ma douce harmonie*

Coro [das Artes e] dos Guerreiros: *Amour du ciel et de la terre*

Air dos Guerreiros

A Poesia: *Dans la noble ardeur qui m'enflamme*

Coro [das Artes e] dos Guerreiros: *Il vaut mieux manquer de les dire*

A Pintura: *Mon pinceau, mes couleurs ne perdent point courage*

A Arquitetura: *Joignons-nous, joignons-nous, savante peinture*

A Pintura e A Arquitetura: *Ce n'est que par ces grands spectacles*

Coro [das Artes e] dos Guerreiros: *Amour du ciel et de la terre*

Air dos Guerreiros

SEGUNDA CENA

[Prelúdio:] Ruído Aterrador

A Música: *Que bruit épouvantable trouble ce paisible séjour?*

A Música, A Poesia, A Arquitetura e A Pintura: *Mes sens se glacent de frayeur!*

Coro das Artes e dos Guerreiros: *Fuyons, éloignons-nous*
Ruído Aterrador

A Discórdia: *Renversons le ciel, la terre et l'Onde*

Coro das Fúrias: *Renversons le ciel, la terre et l'Onde*
Entrée das Fúrias

A Discórdia: *Sa gloire est un supplice à ma jalouse haine*

Coro das Fúrias: *Renversons le ciel, la terre et l'Onde*

A Discórdia: *Des vaincus qu'il retient par menace*

Coro das Fúrias: *Renversons le ciel, la terre et l'Onde*
Entrée das Fúrias

TERCEIRA CENA

Prelúdio [*Pour la Paix*]

A Paz: *Fille de la nuit éternelle*

A Discórdia: *Non, non lâche déesse, injurieuse Paix*

A Paz: *Tant que ce héros généreux*

Air d'A Discórdia: *Débats, séditions, fureur, vengeance et rage*

Coro das Fúrias: *Que le fer et le feu dans leurs sanglantes mains*

A Paz: *Souffres tu, monarque des dieux*

QUARTA CENA

Prelúdio

Minueto para a Paz: *Parais dans ta beauté première*

Minueto [para os instrumentos]

Minueto para a Paz: *Reviens agréable harmonie*

Minueto [para os instrumentos]

QUINTA CENA

Chaconne para as Artes e para os Guerreiros:

Charmante paix, du ciel à propos descendue

A Música, A Poesia e um Guerreiro: *Ô paix si longtemps désirée*

Sarabanda em Rondó [para os instrumentos]

Sarabanda para A Paz: *Loin du bruit des armes*

Sarabanda em Rondó [para os instrumentos]

Coro das Artes e dos Guerreiros: *Ô paix si longtemps désirée*

INTERVALO

Jean-Baptiste Lully (1632-1687)

Idylle sur la Paix, LWV 68 (1685)

Libreto de Jean Racine

Abertura

Récit de Haute-Contre: Un plein repos favorise vos vœux

Coro: *Un plein repos favorise vos vœux*

Récit de Soprano: Charmante Paix, délice de la Terre

Coro: *Un plein repos favorise vos vœux*

Récit de Soprano: Tu rends le fils à sa tremblante Mère

Air, Haute-Contre e Tenor: Tu pares nos Jardins d'une grâce nouvelle

Coro: *Un plein repos favorise vos vœux*

Minueto

Récit de Soprano: Mais quelle main puissante et secourable

Récit de Tenor: Quel dieu, sensible aux vœux de l'Univers

Prelúdio

Récit de Baixo: Déjà grondaient les horribles tonnerres

Ritornelo

Récit de Soprano: Divine Paix, apprends-nous par quels charmes

Coro: *Un Héros des mortels l'amour et le plaisir*

Prelúdio

Récit de Baixo: Ses Ennemis offensez de sa gloire

Coro: *Un Héros des mortels l'amour et le plaisir*

Ritornelo

Récit de Baixo: Son bras est craint du Couchant à l'Aurore

Récit de Haute-Contre: Malheureux les Ennemis de ce

Prince redoutable!

Gavota

Récit de Soprano: Chantons, Bergers, et nous réjouissons

Coro: *Chantons, Bergers, et nous réjouissons*

Loure

Récit de Soprano: De ces lieux l'éclat et les attraits

Ritornelo

Récit de Soprano: Il veut bien quelquefois visiter nos

Bocages

Coro: *Il veut bien quelquefois visiter nos Bocages*

Chaconne para "Madame la Princesse de Conty"

Récit de Soprano: Il veut bien quelquefois visiter nos

Bocages

Coro: *Il veut bien quelquefois visiter nos Bocages*

Minueto e Rondó

Prelúdio

Grand Récit de Soprano: Ô Ciel, ô saintes destinées!

Coro: *Ô Ciel, ô saintes destinées!*

Prelúdio

Coro: *Qu'il règne, ce Héros, qu'il triomphe toujours!*

Duas Óperas para Paz

Mais de 300 anos depois, as obras de Charpentier e Lully conservam uma vitalidade e um poder expressivo inabaláveis e muito atuais. Ambos exerceram considerável influência sobre os seus contemporâneos e as gerações posteriores, mas em Portugal permanecem quase desconhecidos. A glória de Charpentier reside nos famosos oito compassos do seu *Te Deum*, usados como indicativo da Eurovisão, mas de Lully ninguém consegue sequer assobiar a melodia de um minueto...

A sua memória depende exclusivamente da famosa pilhéria sobre o dedo do pé esmagado pelo pesado *batton* que usava para dirigir e que lhe provocou a morte. As obras de ambos os

compositores continuam escandalosamente ausentes do repertório, com exceção do já estafado *Te Deum*. O Ludovice Ensemble tem pois muito orgulho no seu solitário esforço de divulgação da música barroca francesa em Portugal. A escolha deste programa, resposta a uma desafiante, mas aliciante, proposta de Risto Nieminen, constitui ainda uma discreta homenagem a Michel Corboz, maestro titular do Coro Gulbenkian e um dos primeiros grandes músicos a reconhecer e a defender o valor de Charpentier, interpretando e gravando com regularidade várias das suas obras, frequentemente em estreia mundial.

Rivalidades dentro e fora de palco

Para quem estiver familiarizado com algumas das historietas que circulam, incluir Charpentier e Lully no mesmo programa, e ainda para mais sob a temática da Paz, parece ser uma provocação. Não encarnam estes dois compositores uma das mais célebres rivalidades musicais? Esta é sobretudo mais uma fábula inventada no século XIX (por François-Joseph Fétis) num tempo em que muito pouco se sabia sobre as suas biografias e obras. Mas a verdade é que, durante a sua existência, muito dificilmente as composições destes dois músicos coevos (com uma diferença de 11 anos apenas) – hoje considerados os mais representativos da música do *Grand Siècle* francês sob a égide de Luís XIV – teriam sido apresentadas num mesmo local ou num mesmo evento. As suas vidas desenrolaram-se nos antípodas desse universo, complexo, circunscrito e codificado, que constituía a corte francesa seiscentista. Diferentes percursos, diferentes estilos, diferentes patronos, diferentes públicos. Mas não subsiste qualquer testemunho histórico de uma rivalidade concreta e direta entre ambos. A tradicional justaposição entre um Lully onnipotente e despótico, e quiçá de talento medíocre, e um Charpentier genial e original, mas ignorado e incompreendido é,

mais uma vez, uma interpretação simplista e ultrarromântica da realidade histórica.¹ Apesar de não ter conseguido alcançar um ambicionado e rentável posto na corte, Charpentier não deixou de ser conhecido e apreciado pelo rei e por distintos membros da aristocracia francesa, e ocupou alguns dos mais prestigiados cargos musicais do seu tempo. E ainda que a sua frustração seja manifesta no belíssimo e pessoalíssimo *Épitaphium Carpentarii*, orientou contudo, cautelosamente, as suas decepções contra um hoje negligenciável Chaperon. Lully, por sua vez, direcionou a sua ira contra personagens como Lalouette ou Lorenzani; se afrontou e prejudicou Charpentier, fê-lo de forma oblíqua, pois a sua prepotência manifestava-se indistintamente contra qualquer compositor de mérito que o pudesse ofuscar de algum modo. Só assim se explica o afastamento de Charpentier da órbita da *Académie Royal de Musique*, bem como as sucessivas censuras às suas obras compostas em colaboração com Molière – este sim, vítima de uma cruel e bem orquestrada vendeta por parte de Lully. Mas este é um programa de paz, em que 333 anos depois, Lully e Charpentier são convidados a partilhar harmoniosamente o mesmo palco.



ALEGORIA A LUÍS XIV, PROTETOR DAS ARTES E DAS CIÊNCIAS, POR JEAN GARNIER (1632-1705) © DR

Só com grandes espetáculos é que podemos agradecer a Luís!

Les Arts Florissants é ambigüamente classificado como *Idylle en Musique* e como *Ópera* em duas fontes, ambas autógrafas. Trata-se na verdade de um *Divertissement* ou pequena ópera de câmara, composto muito provavelmente em 1685, no mesmo ano em que Lully escreveu o seu *Idylle sur la Paix*. É provável que ambas as obras tenham sido escritas para comemorar a

assinatura das *Tréguas de Ratisbona* negociadas em 1684. Neste tratado, face à política agressiva de anexação por parte de Luís XIV de várias províncias limítrofes da França nos Países Baixos (sob o domínio da Espanha) e na Renânia (sob domínio do Sacro Império) os soberanos de ambos os países decidem aceitar o *status quo*. Esta anuência pacífica do domínio francês sobre

a Alsácia, Estrasburgo e o Luxemburgo seria de curta duração e a guerra voltaria a rebotar em 1689 mas, para já, era tempo de celebrar faustosamente as novas conquistas, recorrendo ao possante poder retórico das artes.

A obra de Charpentier foi composta para a *troupe* musical da sua patrona, Maria da Lorena, Duquesa de Guise e última herdeira de uma das mais poderosas famílias francesas, conhecida como *Mademoiselle* de Guise. Este grupo, liderado pelo compositor após o seu regresso de Itália, e para quem ele escreveu uma quantidade impressionante de obras magistrais nos mais diversos estilos e formas, era composto por vários jovens cantores e instrumentistas. Os seus nomes – Tallon, Brion, Isabelle, Grand-Maison, etc. – aparecem mencionados na partitura, tal como o de Charpentier que, na sua qualidade de tenor *haute-contre*, encarnou o personagem de *La Peinture*. Quase todos os músicos acumulavam as funções artísticas com outras ocupações domésticas (damas de companhia, aias, porteiros) exceto aqueles que cultivavam uma carreira artística noutras instituições: igrejas, casas nobres ou mesmo na *Académie Royal de Musique*. Longe de se tratar de um grupo amador, possuíam um nível profissional surpreendente. Para além do trabalho constante sob a orientação de um músico de primeira grandeza como Charpentier, *Mlle* de Guise protegia com grande generosidade os seus excelentes artistas, zelando ativamente pelo seu bem-estar e segurança, e mesmo pela sua carreira futura. O prestígio dos seus músicos era tal que, ocasionalmente, estes se apresentavam diante da corte. Composta para o entretenimento privado da família Guise, *Les Arts Florissants*, com o seu enredo alegórico e laudatório, em que os personagens se dirigem diretamente ao monarca, poderá ter sido apresentada também numa das *Soirées d'Appartement* em Versalhes, à semelhança

de uma outra obra do compositor, *Les Plaisirs de Versailles*, escrita para os mesmos músicos. Infelizmente não subsistem testemunhos da apresentação destas obras teatrais de Charpentier na corte, ao contrário dos seus motetos, por mais de uma vez apreciados e elogiados pelo rei.

Apesar da curta duração e limitados recursos, trata-se de uma composição ambiciosa, ainda que numa escala muito diferente de *Médée* ou de *David et Jonathas*. A sua trama, sucinta, mas eficiente, deve-se ao próprio Charpentier, que dominava com elegância o latim e o francês. São evidentes na partitura várias alterações ao texto poético, de forma a aprimorar o requinte da linguagem e elevar a deferência para com o soberano. A composição obedece a uma rigorosa e equilibrada estrutura simétrica, organizada em cinco cenas: a primeira e a última são formadas por extensos coros apologéticos intercalados com danças; a cena central conduz ao culminar dramático, no vigoroso confronto entre Discórdia e Paz; as cenas intermédias são constituídas por monólogos confiados às personagens principais.

A obra foi escrita num estilo indubitavelmente francês, reduzindo-se o mais possível a influência italiana tão característica em Charpentier. Num claro esforço para agradar ao gosto oficial do rei, para além dos proverbiais predicados de graça, elegância, equilíbrio e refinamento, abundam as danças (*menuets, chaconnes, sarabandes, airs, entrées*) e uma das árias possui mesmo um *double* arcaizante que remete para os tradicionais *Airs de Cour* de Lambert e Camus. Ainda assim, a forma livre da *Ouverture*, que evita as tipificações instituídas por Lully, a intrincada escrita polifónica de certos coros, as frequentes audácias harmónicas, e a vincada e emotiva caracterização dos personagens traem as influências transalpinas do compositor.

Que ele reine, este Herói, que ele triunfe para sempre!

O *Idylle sur la Paix* foi composto por Lully para o Palácio de Sceaux, propriedade do Marquês Jean-Baptiste Antoine Colbert de Seignelay, Secretário de Estado da Marinha e filho do poderoso ministro de Luís XIV, o *Grand Colbert*. Foi apresentada diante do rei num esplêndido cenário efêmero montado na *Orangerie* do palácio aquando da deslumbrante recepção organizada para a sua visita no dia 16 de Julho de 1685. Esta “espécie de pequena ópera”, mas interpretada “sem roupas de teatro” como se faz “nos apartamentos de Versalhes” (segundo uma carta enviada à corte de Saboia que descreve o evento) foi seguida por um faustoso banquete e feéricas iluminações noturnas. O libretista escolhido foi Jean Racine, um dos maiores dramaturgos do *Grand Siècle* (a par de Corneille e de Molière) e o genial autor de tragédias como *Andromaque*, *Britannicus*, *Bérénice*, *Iphigénie*, e, sobretudo, *Phèdre*. Por esta data, Racine estava já confinado ao papel de historiógrafo do rei e só anos mais tarde regressaria ao teatro para escrever *Esther* e *Athalie*, encomendadas por *Mme* de Maintenon, a piedosa esposa morganática de Luís XIV.

O libreto, equilibrado e elegante, não deixa contudo de recorrer a vários lugares-comuns típicos da poesia encomiástica e definitivamente não é uma das obras-primas de Racine. Depois de louvar as mais recentes vitórias militares, aludindo à conquista do Luxemburgo, ao bombardeamento de Argel, e às alianças inimigas fomentadas pela Espanha, Racine presta homenagem não só ao soberano, mas também ao Marquês de Seignelay, colocando na boca dos anónimos pastores animados louvores à beleza onírica dos jardins de Sceaux, com os seus *parterres* floridos, bosques aprazíveis e águas refrescantes. Desprovido de uma estrutura clara (sem uma divisão em cenas, atos ou entradas), bem como de qualquer enredo ou ação, a obra foi tratada por Lully, após uma majestática e sublime

Overture, como uma espécie de *Grand-Motet* em vernáculo, alternando poderosos coros silábicos e declamatórios com *récits* solísticos e a duo, tudo intercalado com variadas danças (*menuets*, *gavotte* e *loure*).

A obra obteve um tão grande sucesso que foi repetida a 23 de julho do mesmo ano, desta vez em Versalhes, na celebração dos esponsais de *Mademoiselle* de Nantes (princesa legitimada, filha do rei e de *Mme* de Montespan) com o Duque de Bourbon. A obra foi interpretada ao ar livre, dentro de barcos que vogavam no *Grand Canal* acompanhando as gôndolas da família real, entre as margens ornadas com deslumbrantes iluminações; os festejos culminaram com um esplendoroso fogo-de-artifício. O triunfo foi tão estrondoso que Lully criou uma versão revista para apresentação pública em Paris, no palco da *Académie Royal de Musique*. Para esta versão, os pastores foram batizados de acordo com as convenções da época – Licidas, Amarillis, Silvandre, Philis, Astrée, Celimene, Cloris e Flore – e foram inseridas quatro *airs de ballet* anteriormente compostas, como a *Pavane des Saisons* e a emblemática *Chaconne pour la Princesse de Conti*, escrita em 1683 para ser dançada a solo pela belíssima, talentosa e elegante Marie-Anne de Bourbon, outra princesa legitimada e filha favorita de Luís XIV e da sua amante Louise de La Vallière. Esta portentosa *Chaconne* foi tida como uma das melhores páginas instrumentais de Lully, só comparável à *Passacaille* de *Armide*. Os talentos reunidos de Racine e Lully criaram pois uma notável obra de arte que é simultaneamente uma poderosa arma de propaganda.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO

¹ Não podemos deixar de recomendar, para os mais interessados, duas imprescindíveis biografias: *Jean-Baptiste Lully*, de Jérôme de la Gorce, e *Marc-Antoine Charpentier*, de Catherine Cessac, ambas publicadas pelas edições Fayard.

Fernando Miguel Jalôto

Direção



Jean-Denis Monory

Encenação



Fernando Miguel Jalôto é *Bachelor* e *Master of Music* em Cravo pelo Departamento de Música Antiga e Práticas Históricas de Interpretação do Conservatório Real da Haia, na classe de Jacques Ogg. Frequentou *master-classes* com G. Leonhardt, O. Baumont, I. Wjuniski, L. Cummings e K. Haugsand. Estudou também órgão barroco e clavicórdio e foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura. É Mestre em Música pela Universidade de Aveiro e, como bolseiro FCT, é doutorando em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa. É fundador e diretor artístico do Ludovice Ensemble. É também membro da Orquestra Barroca Casa da Música e colabora com grupos internacionais especializados como Oltremontano e La Galanía. Apresentou-se em Portugal e em vários países da Europa, bem como em Israel e no Japão. Colabora regularmente com a Orquestra e o Coro Gulbenkian, a Lyra Baroque Orchestra (Minnesota), a Real Escolania de San Lourenço d'El Escorial, a Orquestra da Radiotelevsão Norueguesa, a Camerata Academica Salzburg, a Real Filarmónia da Galiza, a Orquestra Sinfónica do Porto e a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Foi membro da Académie Baroque Européenne d'Ambronay, da Academia MUSICA de Neerpelt e da orquestra Divino Sospiro. Trabalhou com notáveis maestros como Banchini, Onofri, Hillier, Staier, Parrott, McCreesh, Biondi, Rousset, Koopman, Alessandrini, Pluhar, Christophers, McGegen, Florio e Alarcón. Gravou para as editoras Ramée/Outhere, Brilliant, Dynamic, Glossa, Parati e Anima & Corpo, bem como para a rádio e para os canais Mezzo, ARTE e RTP.

Ator, encenador e Diretor Artístico da sua própria companhia, *La Fabrique à Théâtre*, Jean-Denis Monory realiza trabalho de pesquisa e experimentação em teatro barroco há mais de 20 anos. Encena as grandes obras do repertório teatral e operático francês do século XVII e criou vários espetáculos transdisciplinares que cruzam teatro, poesia, dança e música, tais como: *A Corps suspendus – Mémoires d'un maître à danser*, sobre um texto de B. Ossart, com coreografia de G. Skamletz; *De humanis humoribus*, sobre textos de A. Furetière, com coreografia de C. Ducrest; *Musiques pour une courtisane vénitienne*, com o violoncelista norueguês T. Dallen e autoria de M. Teyssyre. Colaborou também com M. Ledun em *Le Mariage forcé*, uma *comédie-ballet* de Molière apresentada como teatro de marionetas. Encenou também criações contemporâneas, tais como: *Fando y Lis*, de F. Arrabal (prémio de teatro da RFI); *Les Tolstoï*, “diário íntimo” de A. Devon; *Harold and Maude*, de C. Higgins, numa adaptação de Jean-Claude Carrière. Como ator, participou em filmes de R. Altman, C. Vincent e R. Ruiz, entre outros e interpretou vários papéis de teatro: Cléandre (*La Place Royale* de Corneille); Duque de Orsino (*Noite de Reis* de Shakespeare); Hippolyte (*Phèdre* de Racine); Mestre Alfaiate e Covielle (*Le Bourgeois Gentilhomme* de Molière). Como recitante, colaborou em várias gravações discográficas. Fundou os festivais *Scènes Baroques* (Touraine) e *Éclats Baroques* (Paris). Dedicase também à formação de artistas nas técnicas de representação do período Barroco.

Ana Quintans

Soprano



Ana Quintans é licenciada em Escultura e estudou Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, em Lisboa, e no Flanders Operastudio, em Gent, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Iniciou-se profissionalmente em 2005 com a música de Monteverdi, tendo vindo a dedicar a maior parte do seu trabalho à música dos séculos XVII e XVIII, em colaboração com maestros como W. Christie, M. Minkowski, R. Pichon, A. Curtis, V. Dumestre, A. Florio, M. Magalhães, L. Cummings, L. G. Alarcón, E. Onofri, ou I. Bolton. Destacam-se apresentações em prestigiados palcos nacionais e internacionais: Opéra Comique, Théâtre des Champs-Élysées, Festival d'Aix-en-Provence, Festival de Glyndebourne, Concertgebouw de Amsterdão; Ópera de Lyon, Ópera de Rouen, Bayerische Staatsoper (Munique), Teatro Nacional de São Carlos, Alten Oper Frankfurt, Teatro Real de Madrid, Scottish Opera, Victoria Hall (Genebra); Bozar (Bruxelas), Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, Casa da Música, Carnegie Hall (Nova Iorque), *La Folle Journée* (Japão); Helsinki Music Centre, *Maggio Musicale* (Florença), Festival de Viena, Ópera Real de Versalhes, Festival de Edimburgo e Mozarteum de Salzburgo. Participou em várias gravações discográficas, incluindo: árias de Albinoni, com Marcello Di Lisa e a orquestra Concerto de' Cavalieri; *La Spinalba, Il Trionfo d'Amore* (F. A. de Almeida) e *As Sementes do fado*, com Os Músicos do Tejo; *Round Time*, de Luís Tinoco, com D. A. Miller e a Orquestra Gulbenkian; *Requiem* de Fauré, com a Sinfonia Varsovia e Michel Corboz.

Eduarda Melo

Soprano



Galardoada com o 2.º prémio no Concurso Internacional de Canto de Toulouse, Eduarda Melo tem consolidado a sua carreira maioritariamente entre França e Portugal. Licenciou-se em Canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto e, depois da passagem pelo Estúdio de Ópera da Casa da Música, iniciou uma carreira internacional integrada no elenco do prestigiado CNIPAL, em Marselha. Desde então, tem vindo a interpretar um variado repertório de ópera que inclui, entre outros papéis: Rosina (*O barbeiro de Sevilha*) e Frasquita (*Carmen*), em Lille, Limoges, Caen, Reims e Dijon; Elvira (*L'italiana in Algeri*) e Stéphanie (*Romeo et Juliette*) na Ópera de Marselha; Norina (*Don Pasquale*), Despina (*Così fan tutte*) e Corinna (*Il viaggio a Reims*) no Teatro Nacional de São Carlos; Musetta (*La bohème*) e Maria Luisa (*La belle de Cadix* de F. Lopez) no Festival de Saint-Céré; Vespina (*L'infedeltà delusa* de Haydn) na Ópera de Monte Carlo; Zemina (*Die Feen* de Wagner) no Théâtre du Châtelet. Participou também na estreia da ópera *A Little Madness in the Spring*, de A. Pinho Vargas, em *Paint Me*, de Luís Tinoco, e nas obras *A Montanha, Rapaz de Bronze* e *Livro de Florbela*, de Nuno Côrte-Real. Colaborou com maestros como Jean-Claude Casadesus, M. Minkowski, A. Allemandi, M. André, L. Cummings, ou S. Ausbury, tendo interpretado em concerto o *Requiem* de Mozart, o *Stabat Mater* de Poulenc, o *Requiem* de Brahms, *La Giuditta* e *L'Ippolito* de F. A. de Almeida, e *O King* de Berio. Colabora regularmente com os grupos Ludovice Ensemble e Divino Sospiro.

Joana Seara

Soprano

JOANA SEARA © DR

Iris Oja

Meio-Soprano

IRIS OJA © ANITA YOEL

Joana Seara estudou inicialmente na Academia de Música de Santa Cecília. Como bolsista da Fundação Gulbenkian, licenciou-se na Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Os seus estudos de pós-graduação em ópera foram patrocinados pelas instituições britânicas Wingate Foundation, E. M. Behrens Charitable Trust e Worshipful Company of Barbers. Foi distinguida com um *Sybil Tutton Award* e com o Prémio de Música da Worshipful Company of Glass Sellers. Tem interpretado obras de Monteverdi a Puccini, de Verdi a Francisco António de Almeida. Destacam-se as suas atuações com a Akademie für Alte Musik Berlin, o King's Consort, a English National Opera, a Opera Holland Park e a Independent Opera at Sadler's Wells. Interpretou Zerlina (*Don Giovanni*) na Holanda, em Inglaterra e na Irlanda, e Galatea (*Acis and Galatea*) em França. Desde a sua estreia no papel de Susanna (*As bodas de Figaro*), tem-se apresentado regularmente nas temporadas do Teatro Nacional de São Carlos. Colabora com o Ludovice Ensemble e com Os Músicos do Tejo, tendo com este último grupo gravado os álbuns *Il Trionfo d'Amore*, *La Spinalba* e "As Árias de Luísa Todi". A sua discografia inclui ainda *18th-Century Portuguese Love Songs*, com o agrupamento britânico L'Avventura London, e *L'Angelica*, de João de Sousa Carvalho, com o Concerto Campestre. Sob a direção de T. Koopman, L. Foster, S. Young, L. G. Alarcón, D. Renzetti, M. Halls, J. P. Santos, E. Onofri, C. König, N. Kraemer, M. Mazzeo, ou J. Wierzba, apresentou-se nos principais palcos em Portugal, bem como na Europa, na Índia e no Brasil.

Iris Oja formou-se em Canto na Academia de Música da Estónia, com Taru Valjakka e Ivo Kuusk. Estudou também piano e direção coral e aborda todos os estilos de música. Dedicou especial atenção à música contemporânea, tendo estreado e gravado várias obras de compositores estonianos, sendo dedicatária de muitas delas. É membro do Resonabilis, agrupamento com uma combinação única de voz, flauta, violoncelo e *kannel* (instrumento típico da Estónia). Devido à sua sonoridade singular, o grupo encomenda a maior parte da música que interpreta, trabalhando com compositores como Auvinen, Kallastu, Krigul, Lill, Ratniece, Reinvere, Tally e Tolve, entre outros. Iris Oja colabora com diferentes agrupamentos vocais e instrumentais como o Theatre of Voices (Paul Hillier), o Coro Filarmónico de Câmara da Estónia, o Ensemble U, o Remix Ensemble, ou o duo de jazz UMA. É maestra assistente de Paul Hillier e correpetidora no Coro Casa da Música. O seu repertório estende-se da música antiga à contemporânea, da música de câmara à ópera. Como solista, cantou oratórias e obras sacras de J. S. Bach, Händel, Mozart, Beethoven, Stravinsky e Pärt. No domínio da ópera, foi solista em produções de *Eugene Onegin* de Tchaikovsky, *Cavalleria Rusticana* de Mascagni, *Eesti Ballaadid* de Tormis, *Pleasure of Creation* de Mattiesen, e *The Afterlife of Li Jiantong* de Liu Sola. Em recital, interpretou canções e árias de Purcell, Händel, Liszt, R. Strauss, Rachmaninov, Tchaikovsky, Wolf e Chostakovitch, para além de música da Estónia e da Escandinávia. Gravou várias bandas sonoras de filmes estonianos bem como álbuns corais e a solo.

André Lacerda

Tenor

ANDRÉ LACERDA © DR



Fernando Guimarães

Tenor

FERNANDO GUIMARÃES © DR



André Lacerda nasceu em Vila Nova de Gaia. Licenciou-se em Música pela Universidade de Aveiro, onde estudou com Isabel Alcobia. Trabalhou ainda com A. Moura, J. Henriques, C. Meireles, M. Pais, P. Mak, S. Waters, N. Dias, J. Lourenço, J. Mota, A. Chagas Rosa e J. P. Santos. Atualmente frequenta o Mestrado em Interpretação Artística, na ESMAE com A. Salgado. Integra a formação base do Coro Casa da Música, onde trabalhou com maestros como P. Hillier, L. Cummings, O. Elts, C. König, M. Jurowski, B. Brönnimann, G. Rose e N. Fink. Colabora também regularmente com o Ludovico Ensemble. Em concerto, interpretou, como solista: *Magnificat* de J. S. Bach, *As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz* de J. Haydn, *Dichterliebe* de Schumann, e *Vésperas* de Rachmaninov (com Paul Hillier); *Paixão segundo São João* e *Paixão segundo São Mateus* de J. S. Bach, *Vesperae solennes de confessor* de Mozart, *Oratória de Natal* de Saint-Saëns (com Vassalo Lourenço); Missa em Ré maior de Dvořák (com Martin Lutz); *Serenade* de Britten (com Ernst Schelle); *Requiem* de Mozart e *Missa Sancti Nicolai* de J. Haydn. No domínio da ópera, atuou em *As bodas de Figaro* e *Bastien und Bastienne* de Mozart, *Orphée aux enfers* de Offenbach, *The Little Sweep* de Britten, *Madama Butterfly* e *La bohème* de Puccini, e *O Rapaz de Bronze* de Nuno Côrte-Real. No campo do Teatro Musical, interpretou *West Side Story*, *Um Violino no Telhado*, *Jesus Christ Superstar*, *Annie*, *O meu pé de laranja lima* e *O Feiticeiro de Oz*.

Fernando Guimarães licenciou-se em Canto pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto. Foi galardoado com o Prémio Jovens Músicos da RDP (2007) e com o 2.º Prémio do Concurso de Canto Luísa Todt. Como vencedor do Concurso Internacional de Canto *L'Orfeo*, cantou o papel principal desta ópera de Monteverdi, em Mântua, no 400.º aniversário da estreia. Em Portugal, apresenta-se com regularidade na Fundação Calouste Gulbenkian e no Centro Cultural de Belém. Colabora com as mais importantes orquestras portuguesas e com agrupamentos de música antiga como Divino Sospiro ou Os Músicos do Tejo. Os destaques da sua carreira incluem: o papel principal em *La descente d'Orphée aux enfers*, de Charpentier, com Les Arts Florissants; as oratórias *Il Diluvio Universale* e *Nabucco*, de M. Falvetti, com a Cappella Mediterranea e o maestro L. G. Alarcón; e o papel de Abramo na estreia moderna de *Isacco, figura del redentore*, de N. Conti, no Festival de Bruges. Mais recentemente, estreou-se com a Orchestra of the Age of Enlightenment no Queen Elizabeth Hall, em Londres, realizou uma digressão com a Freiburger Barockorchester, apresentou-se no Festival d'Aix-en-Provence (Teseo, em *Elena* de Cavalli), cantou *Il ritorno d'Ulisse in patria* com os Boston Baroque e interpretou Alidoro (*L'Oronte* de Cesti) no Festival de Música Antiga de Innsbruck. Estreou-se em *Armide*, de Lully, com Les Talens Lyriques e C. Rousset, e colaborou com o Concerto Köln numa série de concertos dedicados a obras de Giovanni Simone Mayr.

Hugo Oliveira

Barítono



HUGO OLIVEIRA © DR

Tiago Mota

Baixo



TIAGO MOTA © DR

Hugo Oliveira estudou na Escola Superior de Música de Lisboa e no Conservatório Real de Haia. Venceu o 3.º Concurso da Fundação Rotária Portuguesa e o *Stichting Nederlands Vocalisten Presentatie*, na Holanda. Foi também laureado com o 3.º prémio no Concurso Luísa Todí e finalista do Concurso da London Bach Society. Cantou *Joaz* (B. Marcello), *L'Ivrogne Corrigé* (Gluck) e *Frankenstein!* (Gruber), tendo interpretado esta última obra no Barbican Centre, sob a direção de François-Xavier Roth. No Concertgebouw de Amesterdão participou em *La Wally* (A. Catalani), *Sansão e Dalila* (Saint-Saëns) e *Lohengrin* (Wagner). No Festival d'Aix-en-Provence foi protagonista da ópera *Un Retour* (O. Strasnoy). Interpretou ainda *Les malheurs d'Orphée* (Milhaud), *Melodias Estranhas* (C. Rosa), *Paint me* (L. Tinoco), *L'enfant et les sortilèges* (Ravel), *Dido e Eneias* (Purcell), *Vénus e Adónis* (Blow), *Le Carnaval et La Folie* (Destouches) e *Rappresentatione di anima et di corpo* (Cavaliere). Participou também em *Orfeo* de Monteverdi (Plutone e Caronte) com o Divino Sospire e Enrico Onofri e com o agrupamento francês Akadêmia e o maestro F. Lasserre.

O seu repertório de concerto inclui o *Requiem* de Mozart, *Die Legende von der Heiligen Elisabeth* (Liszt), *Um Requiem Alemão* (Brahms), *Pulcinella* (Stravinsky), ou a *Paixão segundo São João* (J. S. Bach). Entre outros, colaborou com os maestros J. Savall (Le Concert des Nations), J. van Veldhoven (Nederlands Bach Society), P. Dombrecht (Il Fondamento), G. Garrido (Ensemble Elyma), K. Weiss, N. North, L. Cummings e Ch. Rousset.

Tiago Mota estudou no Conservatório Nacional de Lisboa, onde se formou em Canto. Colaborou com o Coro Gulbenkian e o Ensemble Officium e, em 2007, iniciou os seus estudos de música antiga na Schola Cantorum Basiliensis (Suíça) com Dominique Vellard. Em 2012 concluiu os *Masters* em Canto e em Ensemble Vocal. Teve igualmente a oportunidade de trabalhar com Gerd Türk, Evelyn Tubb e Anthony Rooley, com quem gravou *The Passions*, uma oratória de William Hayes. Colabora atualmente com o Huelgas Ensemble, com o Choeur de Chambre de Namur – com o qual realizou várias gravações, nomeadamente o *Requiem* de Mozart e as *Vésperas* de Monteverdi, sob a direção de L. G. Alarcón – com o Coro della Radiosvizzera, sob a direção de D. Fasolis, e como o Basler Madrigalisten, agrupamento suíço focado primordialmente na música antiga e na música contemporânea e com o qual participou na estreia de várias obras. É membro fundador do agrupamento L'Armonia degli Affetti (Jeune Ensemble d'Ambroay 2014), não só como cantor solista e de *ensemble*, mas também como pesquisador e editor de peças dos séculos XVII e XVIII. Em 2006 e 2007 interpretou o papel principal (Anão) em *A Floresta*, uma ópera de Eurico Carrapatoso. No início de 2012 foi solista na ópera *The Fairy Queen*, de Purcell, no Theater Basel, e em março de 2014 foi solista na ópera *Shiva for Anne*, a terceira parte de uma trilogia composta por Mela Meierhans e apresentada no MaerzMusik (Berlim) e no Festival de Lucerna.

Ludovice Ensemble



LUDOVICE ENSEMBLE © TOMÁS MONTEIRO

O Ludovice Ensemble é um grupo especializado na interpretação de música antiga. Foi criado em 2004 por Fernando Miguel Jalôto e Joana Amorim com o objetivo de divulgar o repertório de câmara vocal e instrumental dos séculos XVII e XVIII, através de interpretações historicamente informadas e usando instrumentos antigos. O seu nome homenageia o arquiteto e ourives alemão Johann Friedrich Ludwig (1673-1752), conhecido em Portugal como Ludovice. O grupo trabalha regularmente com os melhores intérpretes especializados, portugueses e estrangeiros. Apresentou-se nos principais festivais em Portugal e é uma presença regular no Centro Cultural de Belém (CCB) e na Fundação Gulbenkian. Em 2011 representou Portugal no encontro do Réseau Européen de Musique Ancienne, na Casa da Música. No estrangeiro, atuou no festival *Laus Polyphoniae* do AMUZ de Antuérpia, no festival *Oude Muziek* (Utrecht), nos festivais de La Chaise-Dieu, *Musiques en Vivarais-Lignon* e *Festes Baroques* (França), no festival de Música Barroca de Praga, no Festival Felicia Blumental (Telavive) e na Universidade Mórmon de Jerusalém. É uma presença regular em Espanha, nos Festivais

de Música Antiga de Aranjuez, de Daroca e de Peñíscola, no festival *Camiños de Santiago de Jaca*, no Ciclo das Artes de Lugo, no *Febrero Lirico* do Real Coliseo Carlos III – San Lorenzo del Escorial, na *Semana de Musica Antigua de Vitoria-Gasteiz* e no Festival de Badajoz. Gravou ao vivo para a Antena 2, a Rádio Nacional Checa e o canal Mezzo. O seu primeiro CD (*Ramée/Outhere*) foi nomeado em 2013 para os prestigiados prémios ICMA, na categoria de Barroco Vocal. Colaborou com o Huelgas Ensemble de Paul Van Nevel e com o violinista italiano Enrico Onofri. No CCB, apresentou recentemente *Le Bourgeois Gentilhomme*, de Molière/Lully, e as *Vésperas* de Monteverdi. Em outubro de 2017 trouxe ao Grande Auditório Gulbenkian um programa único de música barroca judaica sefardita. Os projetos para 2018 incluem: a oratória *Cain ovvero il primo omicidio*, de A. Scarlatti (CCB); três concertos no Festival de Música Antiga dos Pirenéus (cantatas barrocas portuguesas); o *Cancioneiro de Elvas*, no Festival Ibérico de Badajoz; um concerto com música do Barroco húngaro no Festival Terras sem Sombra; e dois concertos com as *Leçons de Ténèbres* de Couperin. www.ludoviceensemble.com

18 + 19 Maio

Os Planetas

Uma Odisseia em HD



Orquestra
Gulbenkian

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA
NANIGATOR
MUSIC & POLYMER

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA
VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA
ANSELMO
MÚSICA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO
SANTA CASA
MÚSICA

MECENAS
CICLO PIANO
pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN
BPI

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA
BPI

20 Maio

Jordi Savall

O Milénio de Granada



GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
CORP. NY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANSELMO
1911

Subscreva 14 meses de 100 euros.

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA

Associação de Amadores. Para mais detalhes.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

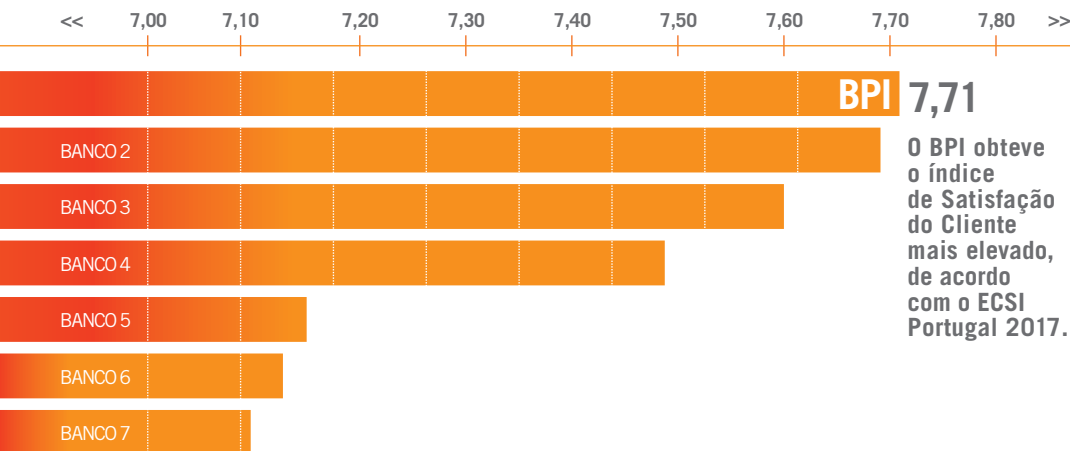


Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI é líder pelo 2º ano consecutivo na Satisfação dos Clientes, de acordo com o Índice Nacional de Satisfação do Cliente - ECSI Portugal 2017.



Este índice, baseado numa metodologia internacional comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo Instituto Português da Qualidade, pela Associação Portuguesa para a Qualidade e pela NOVA *Information Management School* da Universidade Nova de Lisboa.



O BPI obteve o índice de Satisfação do Cliente mais elevado, de acordo com o ECSI Portugal 2017.

Este estudo utiliza uma escala de satisfação de 1 a 10 e é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

300 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Maio 2018

